

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: JAN ŠVANKMAJER E DIRECTOR'S CUT
CURTAS JAN ŠVANKMAJER - PROGRAMA 1: O JOGO POLÍTICO OU O
ESPECTRO DOS OBJETOS
2 de maio de 2023

SÍLENÍ / 2005
(“Insanidade”)

de Jan Švankmajer

Realização: Jan Švankmajer / Argumento: Jan Švankmajer, adaptando Edgar Allan Poe e Marquês de Sade / Produção: Jaromír Kallista / Assistência de Produção: Shimon Shemtov / Co-produção: Juraj Galváneek, Jaroslav Kucera, Dusan Kukal, Helena Uldrichová / Direção de Fotografia: Juraj Galváneek / Montagem: Marie Zemanová / Casting: Radek Hruska / Design de Produção: Jan Švankmajer, Eva Svankmajerová / Guarda-roupa: Veronika Hrubá, Eva Svankmajerová / Departamento de Animação: Bedrich Glaser, Martin Kublák / Interpretações: Jan Tríska (Marquês), Pavel Liska (Jean Berlot), Anna Geislerová (Charlota), Martin Huba (Dr. Coulmiere), Jaroslav Dusek (Dr. Murlloppe), Pavel Nový (Empregado Dominik) / Cópia: DCP, a cores, falado em checo com legendas em inglês e legendado eletronicamente em português / Duração: 122 minutos / Estreia mundial: 3 de novembro de 2005, Palace Film Festival, República Checa / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

A loucura não era um tema novo no universo do cineasta checo Švankmajer no ano da graça de 2005. Diria que sempre fez parte da massa sanguínea que durante décadas bombeou o superorganismo do seu cinema – um corpo que se foi metamorfoseando no sentido da máxima assunção daquilo que o anima e, neste particular, a diferença entre o prazer e a dor diluiu-se. Com isto, apetece dizer que **Sílení** é das obras mais desencantadas do realizador checo, com a infância a tornar-se em qualquer coisa de monstruosa, restando apenas um sentimento de orfandade face às agruras da existência. Ao mesmo tempo, a ideia de resistir (politicamente) através do prazer sádico, aquele que exalta tudo o que é profano e imoral na vida, nunca foi tão direta e até simplisticamente assumida.

Logo a abrir, o realizador aparece como que justificando antecipadamente aquilo que preparou para nós: um prato bem indigesto contendo toda uma vasta gama de sevícias, fetiches e bizarras humanas ou para lá de humanas. Diz que vamos assistir a um “filme de horror”, mas não era já a sua célebre primeira longa-metragem, leitura muito pessoal do clássico de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, uma obra que vogava entre o encantamento das histórias de crianças e as trevas que habitam a infância? Em **Sílení** as cartas são postas em cima da mesa e as regras do jogo são proclamadas pelo seu realizador em modo de mestre de cerimónias, que acrescenta ainda, nessa surpreendente aparição, ser este um tributo “infantilizado” a Edgar Allan Poe e Marquês de Sade, dois autores que já homenageara amiúde (sobretudo Poe) nas suas curtas-metragens. O “infantil” e o “horrífico” são novamente os ingredientes principais, mas são-nos servidos assim, sem *teasing* e motivando pouco a descoberta intelectualmente ativa acerca daquilo (o *quid* svankmajeriano) que está quase sempre algures entre o riso e o grito, o fascínio e a repulsa. E, de facto, a partir da apresentação do seu realizador, **Sílení** desdobra-se numa insistente reencenação – ou reequação – dos elementos elucubrados por esse homem que, como sabemos do documentário **Athamor: Alchemical Furnace** (2020), não gostava muito de textos explicativos.

Talvez o principal problema radique aqui: apesar do leque de situações e até de alguns episódios vistosos e impactantes (por exemplo, a história do enterro do Marquês, que nos remete para o conto de Edgar Allan Poe, *The Premature Burial*, ou a reconstituição, no manicómio, em jeito de quadro vivo, do célebre quadro de Delacroix, *La Liberté guidant le peuple*), **Silení** foi um filme realizado por alguém que se apresentava, de facto, crente na morte de toda a arte (é o que diz ao início) e que, portanto, talvez por isso apenas nos reste a nós, espectadores, apreciar os limites sem limites do comportamento humano assim levado a cena, quer dizer, estarmos preparados para embarcar, sem freios, no seu, digamos assim, longo espetáculo escabroso, onde já há pouco a descobrir, pelo menos racionalmente. É uma interpretação possível para esta inusitada – e raríssima – aparição de Švankmajer em modo de apresentador-hermeneuta-crítico do seu próprio filme e do mundo que o originou.

Enfim, a experiência desta descida ao manicómio, veiculando uma certa visão, quase terrorista, sobre a instituição psiquiátrica, tem nas suas personagens meros peões usados para elevar a novas alturas o teatro de “anomalias” que já conhecíamos de outros trabalhos deste cineasta. A história dos dois protagonistas, um homem que perdeu a mãe “ensandecida” e que receia estar também a sucumbir à loucura e ainda um marquês sádico que patrocina todo o tipo de comportamentos transgressores e profanos, é penetrada por uma série de visões em que nacos de carne conspiram contra uma ordem humana qualquer (já não estamos a falar de narrativas de amor, como a da curta **Zamilované Maso/“Amor Carnal”** [1989], mas de um intenso ato de perdição, predação e revolta). Uma história entrelaçada por outra tal como o real está sempre a ser visitado pelo artifício da animação *stop-motion*, que aqui aparece reduzida ao efeito de “coro grego”, tornando ainda mais óbvio aquilo que é performatizado *ad nauseam* em toda a história principal: o máximo grito de liberdade contra uma ordem instituída (pode ser por um tenebroso diretor de um asilo psiquiátrico ou pelo ditador que chefia todo um país, porquanto bem que Švankmajer sofreu na pele a intolerância do regime estalinista, e bem que o mesmo se julgou achar novamente *aprisionado* na nova sociedade “capitalista” do pós-Perestroika).

E esse grito que resiste não tem que ser condoído ou enraivecido: pode ser como a gargalhada do marquês no filme (eis, enfim, mais uma coleção de grandes planos de bocas que falam, comem e “devoram” o que se lhes aprouver, começando, claro, pela “boa moral”). E esta gargalhada, quer dizer, esta boca pode não ser nada bonita de se ver ou ouvir. Neste filme que marca o final de uma longa e intensa história de amor e colaboração artística relevantíssima, com Eva Švankmajerová, o nihilismo sarcástico de Švankmajer permite-lhe dizer que não há mais nada para interpretar aqui, apenas para receber com os sentidos, qual vista final e irredimível para o abismo. Do mesmo modo, já não há nada de belo a salvar neste mundo enlouquecido – como Eva na sua vida, também a criança que habitava o realizador parece ter definitivamente perecido aqui. E um certo encantamento também. Enfim, **Silení** é uma obra desesperada, repetitiva, redundante, quer dizer, em perda, mas, mais importante do que isso (sobretudo para os apreciadores do realizador), incensada por uma inapagável experiência lutuosa.

Luís Mendonça